



O SENTIDO-DO-SER NA CONTEMPORANEIDADE: AS RELAÇÕES DO DASEIN COM A QUESTÃO-DIRETRIZ NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

THE MEANING OF BEING IN CONTEMPORANEITY: THE DASEIN'S RELATIONS WITH THE GUIDING-QUESTION IN THE MARTIN HEIDEGGER'S THOUGHT

DER SINN DES SEINS IN DER ZEITGENOSSENSCHAFT: DAS VERHÄLTNIS DES DASEINS ZUR LEITFRAGE IM DENKEN VON MARTIN HEIDEGGER

Jan Clefferson Costa de Freitas¹

Resumo: O objetivo central do presente trabalho consiste em apresentar a recepção contemporânea da questão-do-ser a partir do pensamento de Martin Heidegger em *Sein und Zeit*. Com base nas ideias contidas na introdução da obra magna do jovem Heidegger, idealiza-se proporcionar uma mais ampla compreensão a respeito dos três dogmas da metafísica que impedem o progresso da filosofia, quais sejam: a universalidade, a indefinibilidade e a autodeterminação do sentido de ser. Uma vez desconstruída a triplicidade dogmática que obstrui o caminho em direção do entendimento da pergunta-diretriz da tradição, todos os esforços conceituais serão empreendidos na tentativa de evidenciar em que medida o *Dasein* está no centro da mais expressiva reflexão filosófica, sendo, portanto, um elemento inseparável da problemática fundamental da ontologia. Em termos gerais, através de uma metodologia analítico-descritiva que combina revisão bibliográfica, leitura aproximada e escrita criativa pretende-se obter enquanto resultado desta investigação uma elucidação acerca de como o significado do ser na contemporaneidade está indissociavelmente relacionado à constituição ontológica do próprio *Dasein*.

Palavras-chave: *Dasein*; Fenomenologia; Hermenêutica; Metafísica; Ser.

Abstract: The central purpose of this paper is to present the contemporary reception of the question of being through the thought of Martin Heidegger in *Sein und Zeit*. Drawing upon the ideas contained in the introduction of the young Heidegger's magnum opus, the intention is to provide a broader understanding regarding the three dogmas of metaphysics that hinder the progress of philosophy, namely: universality, indefinability, and self-determination of the sense of being. Once the triadic dogmatism obstructing the path toward understanding the guiding question of tradition is deconstructed, all conceptual efforts will be undertaken in an attempt to elucidate the extent to which *Dasein* is at the center of the most significant philosophical reflection, and thus an inseparable element of the fundamental problematic of ontology. In general terms, through an analytical-descriptive

¹ Bacharel, Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Única. Especialista em Neurociências pela Faculdade Única.

methodology that combines bibliographical review, close reading and creative writing, the aim of this research is to elucidate how the meaning of being in contemporary times is inextricably linked to the ontological constitution of *Dasein* itself.

Keywords: Dasein. Phenomenology. Hermeneutics. Metaphysics. Being.

Zusammenfassung: Das zentrale Ziel dieser Arbeit besteht darin, die zeitgenössische Rezeption der Frage nach dem Sein anhand des Denkens von Martin Heidegger in *Sein und Zeit* vorzustellen. Basierend auf den Ideen, die in der Einleitung des Hauptwerks des jungen Heidegger enthalten sind, soll eine umfassendere Verständnis des dreifachen Dogmas der Metaphysik vermittelt werden, das den Fortschritt der Philosophie behindert: die Universalität, die undefinierbarkeit und die Selbstbestimmung des Sinns des Seins. Nachdem die dreifache dogmatische Behauptung, die den Weg zum Verständnis der Leitfrage der Tradition blockiert, dekonstruiert wurde, werden alle konzeptuellen Bemühungen unternommen, um aufzuzeigen, inwieweit das Dasein im Zentrum der bedeutendsten philosophischen Reflexion steht und daher ein untrennbarer Bestandteil des fundamentalen Problems der Ontologie ist. Im Allgemeinen zielt diese Untersuchung darauf ab, durch eine analytisch-beschreibende Methodologie, die Literaturrecherche, eine Annähernde Lektüre und kreative Schreibtechniken kombiniert, eine Klärung darüber zu erhalten, wie die Bedeutung des Seins in der zeitgenössischen Zeit untrennbar mit der ontologischen Verfassung des Daseins selbst verbunden ist.

Schlüsselwörter: Dasein. Phänomenologie. Hermeneutik. Metaphysik. Sein.

Introdução: a atualidade da reflexão ontológica

A busca pelo sentido-do-ser tem sido um problema central na história da filosofia e, através das espirais que contornam os desdobramentos da temporalidade humana, várias interpretações do tema foram propostas por filósofos renomados, como, por exemplo, Aristóteles de Estagira [384-322 a. C.] e Friedrich Hegel [1770-1831] (Leão, 1991; Kaelin, 1998). No entanto, talvez nenhum pensador contemporâneo tenha influenciado tão significativamente o campo da ontologia quanto Martin Heidegger [1889-1976], autor de *Ser e Tempo*: uma obra originalmente publicada em 1927 que desafia as concepções tradicionais do pensamento ocidental e oferece uma nova perspectiva a respeito da questão-do-ser (Deely, 1971; Kiesel, 1993). Neste artigo, a ter como ponto de partida as reflexões heideggerianas, propõe-se realizar uma análise crítica e descrição abrangente da abordagem contemporânea das ideias ontológicas fundamentais, ao dispor especial ênfase nas relações do *Dasein* com a pergunta-diretriz da metafísica.²

² O termo *Dasein* representa um conceito central na filosofia existencial de Martin Heidegger. Traduzido como *ser-aí*, *sendo*, ou *presença*, o *Dasein* refere-se à experiência concreta e imediata da existência humana (Franck, 1986; Stein, 2000). Heidegger emprega a expressão em destaque como ponto de partida para sua investigação ontológica, ao argumentar que a análise do *ser-aí* desvela uma essência mais fundamental do ser pensado na

A reflexão de Martin Heidegger na introdução de *Ser e Tempo* oferece uma relevante crítica à metafísica, especialmente à concepção do ser que foi estabelecida no ocidente desde a antiguidade (Franck, 1986; Aubenque, 2012). Heidegger argumenta que a tradição filosófica transformou o conceito de ser em um dogma, o que tornou supérflua a pergunta pelo seu sentido e, conseqüentemente, a omitiu. Desde um ponto de vista heideggeriano: “A história da metafísica tomou a forma de uma espiral cujo estágio final consistia na elaboração das percepções alternativas que, no começo, foram dadas pelos gregos” (Zimmerman, 1990, p. 197). Heidegger ressalta que o ser foi considerado o conceito mais universal e, paradoxalmente, o mais vazio, resistente a qualquer tentativa de definição. Nessa perspectiva, a contemporaneidade vem a ser a época do progresso em relação à retomada da questão-do-ser, o tempo oportuno para o seu resgate do esquecimento histórico:

Sobre a base dos pontos-de-partida gregos da interpretação do ser construiu-se um dogma que não só declara supérflua a pergunta pelo sentido do ser, mas além disso sanciona sua omissão. Diz-se: “ser” é o conceito mais universal e o mais vazio e, como tal, resiste a toda tentativa de definição. Mas esse que dentre os conceitos é o mais universal e, portanto, indefinível, não requer também definição, pois cada um de nós o emprega constantemente e cada vez já entende o que visa com ele. Assim, o que movia e como algo oculto mantinha na inquietação o filosofar antigo passou a ser claro como o sol, um poder-ser-entendido-por-si-mesmo, ao ponto de imputar-se um erro de método a quem ainda interroga a esse respeito (Heidegger, 2014, p. 33-35).

Para Martin Heidegger, a aparente universalidade e indefinibilidade do ser não justificam a supressão da pergunta pelo seu sentido. Ele questiona a validade desse dogma da metafísica, ao sugerir que a familiaridade cotidiana com o conceito de ser não elimina a necessidade de uma investigação mais profunda sobre o seu significado. Heidegger considera o ser como algo que deve ser continuamente interrogado, em vez de apenas aceito como indefinível e autodeterminado (Stein, 2000; Escudero, 2010). Além disso, o autor sugere que a transformação do ser em um conceito claro e autoexplicativo representa um erro de método na filosofia. Destarte, “Heidegger queixa-se de que as abordagens tradicionais da metafísica resultaram no esquecimento do ser, que é o tópico primordial da reflexão filosófica e de outras reflexões intelectuais” (Nellickappilly, 2015, p. 3). Ele critica a tendência de considerar o ser como algo por si mesmo inteligível, sem a realização de uma análise mais rigorosa. Essa atitude mediana, segundo ele, impede o progresso filosófico e perpetua uma forma de

vigência da sua própria totalidade (Vattimo, 1989; Duits, 2005). O *Dasein* não pode ser compreendido simplesmente enquanto objeto de estudo, mas sim como o sujeito que está imerso na busca pelo sentido-do-ser e que se depara com questões existenciais, tais como a finitude, a temporalidade e a autenticidade (Zimmerman, 1990; Pöggeler, 2001). Pelas razões previamente descritas, compreender o *Dasein* torna-se essencial para um mais amplo entendimento do pensamento heideggeriano sobre a condição humana.

pensamento superficial. Nesse sentido, a citação de Heidegger ressalta a importância da reflexão filosófica e da crítica à tradição estabelecida (De Waelhens, 1954; Vattimo, 1989). Ele convida os filósofos a contestar os pressupostos fundamentais do ideário ocidental e a buscar uma compreensão mais autêntica tanto do mundo quanto da existência humana, um movimento fenomenológico e hermenêutico que repercute na constituição de uma nova ontologia. Em poucas palavras, Heidegger sugere que filosofar deve permanecer uma atividade questionadora, no lugar de refletir um mero contentamento com respostas simplistas ou dogmáticas.

Desta feita, no decorrer das investigações presentemente diligenciadas, pretende-se evidenciar a repercussão contemporânea da questão-do-ser, ao sublinhar a importância do *Dasein* como um elemento essencial na compreensão das relações entre a humanidade e o próprio ser (Stein, 2000; Duits, 2005). Para assegurar um entendimento das nuances da interpretação de Heidegger quanto à pergunta-diretriz da tradição do pensamento ocidental serão colocadas em destaque a sua crítica desconstrutiva feita aos dogmas da metafísica, quais sejam, a universalidade, a indefinibilidade e a autodeterminação do conceito central da filosofia, bem como a sua proposta de uma abordagem mais radical para perscrutar o sentido-do-ser (Cumming, 1991; Pöggeler, 2001). Além disso, tem-se aqui por objetivo a elucidação de como a busca fundamental da ontologia, dentro dos termos fenomenológicos, existenciais e hermenêuticos do ideário heideggeriano repercute de maneira intrínseca por sobre a própria condição humana. Enquanto resultado desta jornada conceitual, enfim, busca-se contribuir com o aprofundamento do debate concernente a um dos temas mais notáveis da história das ideias.

A destruição dos dogmas da metafísica

Na introdução de *Ser e Tempo*, Martin Heidegger discute a problemática da universalidade do ser e sua relação com a ontologia medieval, especialmente no que diz respeito ao conceito de transcendente. Heidegger destaca que a totalidade do ser vai além de qualquer universalização genérica, uma vez que transcende as categorias convencionais dos conceitos-de-coisa (Kiesel, 1993; King; Llewelyn, 2001). Nessa perspectiva, “a problemática acerca do ser constitui o eixo temático que articula sua densa atividade filosófica e desenha o horizonte dentro do qual será abordado cada aspecto concreto de sua obra” (Escudero, 2010, p. 23). Na medida em que recorre à metafísica do medievo, Heidegger ressalta a ideia do ser

como elemento transcendental, ou seja, uma concepção que ultrapassa as definições ordinárias e serve como fundamento para todos os outros horizontes de pensamento (Gelven, 1970; Pöggeler, 2001). A reflexão delineada pelo autor remonta a Aristóteles, que reconheceu a unidade do transcendentalmente universal em contraste com a multiplicidade das coisas:

A “universalidade” do ser “*ultrapassa*” toda a universalidade genérica. “Ser”, segundo a designação da ontologia medieval, é um “transcendente”. A unidade desse transcendentalmente “universal”, por oposição à multiplicidade dos conceitos-de-coisa que são os conceitos supremos de gênero, já foi reconhecida por Aristóteles como a *unidade da analogia*. Essa descoberta permite que Aristóteles, não obstante toda a sua dependência da problemática ontológica de Platão, ponha o problema do ser sobre uma base nova em seu princípio. Por certo Platão também não elucidou ele mesmo o que há de obscuro nessas conexões categoriais (Heidegger, 2014, p. 35-37).

Heidegger destaca a contribuição de Aristóteles ao problema do ser quando este último introduz a noção de analogia como uma maneira de entender a unidade do transcendentalmente universal. Esta unicidade, na análise aristotélica, ao superar as limitações da ontologia platônica, permite um novo fundamento para o entendimento-do-ser (Leão, 1991; Kaelin, 1998). É importante notar que Heidegger não está somente a traçar uma narrativa histórica, mas está a fazer menção à discussão temporal do ser para lançar luz sobre o seu projeto de destruição da ontologia, segundo o qual “aquilo que se deve destruir não é esta ou aquela ontologia, nem mesmo a ontologia praticada até hoje, mas a ontologia como tal, o discurso sobre o ser em geral” (Aubenque, 2012, p. 57). Ao ressaltar a relação do uno transcendental com a multiplicidade dos conceitos-de-coisa, Heidegger prepara o solo da metafísica contemporânea para sua própria investigação acerca do ser e da temporalidade. Dessa forma, a reflexão de Heidegger revela sua preocupação em situar o seu pensamento em um contexto histórico mais amplo, ao mesmo tempo que estabelece as bases para uma interpretação do ser fundamentalmente diferente das abordagens anteriores (Cumming, 1991; Duits, 2005): ele conduz os pensadores contemporâneos a repensar as noções tradicionais de universalidade e transcendentalidade enquanto percorre o caminho para uma análise mais pormenorizada da existência humana e do sentido-do-ser.

Martin Heidegger ressalta a complexidade do conceito de ser dentro do contexto da filosofia. Heidegger argumenta que o ser não pode ser derivado por definição de ideias superiores nem pode ser determinado por concepções inferiores originárias da tradição do pensamento ocidental (Deely, 1971; Marx, 1971). A abordagem fenomenológica do pensador, que suspende os juízos ontológicos precedentes, representa seguramente a sua vontade de eliminar “os conceitos insuficientemente esclarecidos ou mal fundados, as construções

gratuitas ou prévias, os falsos problemas que dizem respeito mais aos preconceitos dos pensadores e às disputas de escolas do que à natureza das coisas” (De Waelhens, 1954, p. 13). Em outras palavras, o autor sublinha que o ser não se enquadra no mesmo domínio lógico e metafísico dos entes individuais, quer dizer, não faz parte do conjunto de elementos que são objetos de definição terminológica e determinação conceitual (Kiesel, 1993; King; Llewelyn, 2001). Heidegger sugere que a abordagem tradicional de determinar o ente através de definições, baseada na ontologia antiga, não pode ser aplicada ao ser. A atitude heideggeriana implica em uma ruptura com os métodos convencionais de exercício da filosofia que tendem a tratar o ser como um objeto passível de definições e análises conceituais:

O ser não pode ser derivado por definição de conceitos superiores e não pode ser exibido por conceitos inferiores. Mas disso se segue que “ser” já não pode oferecer problema algum? De modo nenhum, e só pode se seguir que “ser” não é algo assim como um ente. De onde resulta que o modo de determinar o ente, que se justifica dentro de certos limites – a “definição” da lógica tradicional, cujos fundamentos estão eles mesmos na ontologia antiga –, não se pode aplicar ao ser. A indefinibilidade do ser não dispensa a pergunta pelo seu sentido, mas precisamente por isso a exige (Heidegger, 2014, p. 37-39).

Heidegger questiona se o ser deixa de ser um problema, já que não pode ser definido ou tratado da mesma forma que os entes individuais. Ele responde negativamente a essa questão, ao enfatizar que a indefinibilidade do ser não elimina a necessidade da pergunta pelo seu sentido (Zimmerman, 1991; Aubenque, 2012). Pelo contrário, a suposta impossibilidade de definições exige uma investigação mais detalhada da interrogação pelo significado do ser e da sua relação com o mundo: “Mais vasta, mais profunda, mais originária do que todas as questões oriundas do próprio círculo da filosofia, ela é sobretudo a questão mais pura, a questão restituída à sua dignidade e à sua audácia, à sua despojada liberdade” (Franck, 1986, p. 17). Por essa razão, Heidegger destaca a necessidade de uma interpretação radicalmente diferente das precedentes para compreender o ser. Ele argumenta que a indeterminabilidade conceitual do ser não o faz irrelevante ou sem importância, mas, ao contrário, torna essencial a busca pelos seus sentidos e significados na contemporaneidade (Gelven, 1971; Kiesel, 1993). A reflexão heideggeriana desafia os pensadores da atualidade a repensar suas pressuposições básicas sobre a constituição do ser e a adotar uma abordagem tanto bem fundamentada quanto original para investigar a condição humana e os horizontes que a circunscrevem.

Martin Heidegger lança luz sobre a natureza complexa e essencialmente enigmática do conceito de ser. O pensador tece uma crítica ao preconceito metafísico que considera o ser

como uma noção que-pode-ser-compreendida-por-si-mesma, ou seja, uma concepção que apresenta uma pretensa compreensibilidade em termos intuitivos, sem a necessidade de uma definição explícita (Franck, 1986; Aubenque, 2012). O desinteresse justificado pela suposta autodeterminação da questão-diretriz traz consigo a decrepitude da tradição ontológica: “a decadência do Ocidente ocorreu na medida em que o *Dasein* humano foi perdendo contato com o terrível dom e responsabilidade desta capacidade de desvelamento ontológico” (Zimmerman, 1990, p. 340). Desse modo, Heidegger ressalta que a aparente facilidade de entendimento da questão revela apenas uma falta de compreensão mais profunda sobre o assunto fundamental da metafísica. Ele sugere que, em cada ato de conhecimento, enunciação ou comportamento em relação aos entes, o ser se encontra implicitamente presente (Stein, 2000; Pöggeler, 2001). Por exemplo, quando alguém afirma que a grama é verde ou que fulano de tal é um gênio pressupõe-se de forma implícita o entendimento-do-ser. No entanto, o autor argumenta que a compreensão superficial do ser esconde um enigma mais complexo, um mistério residente em todos e quaisquer atos de ser-em-relação-ao-ente:

O “ser” é o conceito que-pode-ser-entendido-por-si-mesmo. Em todo conhecer, em todo enunciar, em cada comportamento em relação a ente, em cada comportar-se-em-relação-a-si-mesmo se faz uso de “ser” e a expressão é aí entendida “sem mais nada”. Cada um de nós entende “o céu é azul”; eu *sou* alegre etc. Mas essa mediana possibilidade de entender demonstra somente falta de entendimento. Ela deixa manifesto que em cada comportamento ou em cada ser em relação a ente como ente reside *a priori* um enigma. Que já vivamos cada vez em um entendimento do ser e que o sentido de ser esteja ao mesmo tempo encoberto na obscuridade, demonstra a necessidade de princípio de que haja uma repetição da pergunta pelo sentido de “ser” (Heidegger, 2014, p. 39).

A reflexão de Heidegger confronta as concepções tradicionais de conhecimento e linguagem ao sugerir que a compreensão do ser não pode ser alcançada através de definições ou conceitos pré-definidos (Marx, 1971; Cumming, 1991). Em vez disso, o pensador procura evidenciar a importância da reflexão filosófica e da repetição constante da pergunta pelo significado do ser como uma exigência ontológica indispensável para compreender com mais autenticidade a existência humana: “ele percebe cada vez mais que o desvelamento e o velamento têm a mesma origem, o que poderia, aliás, demonstrar: tornar o ser manifesto é retirar sua intimidade, seu mistério ou, mais exatamente, seu encolhimento, sua reserva” (Aubenque, 2012, p. 57). Em cada encontro com um ente, em cada experiência de ser, há um mistério subjacente que não pode ser resolvido sem uma reflexão mais profunda sobre o sentido-do-ser em si mesmo. Com a citação acima Heidegger encapsula a sua abordagem

fenomenológico-existencial, na qual a experiência humana ocupa um lugar de centralidade no entendimento da questão-diretriz (Deely, 1971; Duits, 2005). Muito embora o ser humano esteja imerso de forma contínua em uma atmosfera de suposta compreensibilidade em relação ao ser, a sua faculdade crítica permanece ensombrecida pelos preconceitos precedentes da tradição, o que requer dos pensadores contemporâneos uma ininterrupta investigação e questionamento para trazer ao desvelamento o sentido e verdade-do-ser.

A imprescindibilidade da questão-do-ser

Martin Heidegger analisa, nos parágrafos introdutórios de *Ser e Tempo*, a natureza da busca filosófica pelo sentido-do-ser na contemporaneidade. Ele argumenta que o ato de questionar pressupõe uma direção prévia, uma orientação a partir do que de fato está sendo buscado com a pergunta fundamental da filosofia (Kiesel, 1993; Kaelin, 1998). No caso da investigação a respeito do ser, Heidegger sugere que o seu significado deve, de uma certa forma, já estar prontamente disponível para o investigador: “o Dasein apreende necessariamente o sentido de ser do ente que ele não é e com o qual se relaciona. A abertura do Dasein ao ser é, *ipso facto*, abertura ao ser dos entes diferentes, portanto, ao ser em geral” (Franck, 1986, p. 23). Mesmo que possa parecer impossível articular conceitualmente o que o ser significa, a imersão permanente no entendimento prévio da questão-diretriz impulsiona o ser humano a procurar uma resposta para o enigma mais complexo de toda a tradição (Marx, 1971; Duits, 2005). Assim, o vago entendimento-do-ser com o qual o pensamento contemporâneo entra em confronto continua a ser uma realidade, mesmo que os filósofos não consigam compreender a totalidade do problema ou determinar os seus limites conceituais:

Como busca, o perguntar necessita de uma direção prévia a partir do que é buscado. O sentido de ser de certo modo já deve estar disponível para nós. Foi dito que já nos movemos sempre em um entendimento-do-ser. É a partir desse entendimento-do-ser que nasce a pergunta expressa pelo sentido de ser e a tendência para chegar ao seu conceito. Não *sabemos* o que “ser” significa. Mas já quando perguntamos “que é ser?” nos mantemos em um entendimento do “é”, embora não possamos fixar conceitualmente o que o “é” significa. Não conhecemos sequer o horizonte a partir do qual devemos apreender e fixar o sentido. *Esse mediano e vago entendimento-do-ser é um fato* (Heidegger, 2014, p. 41).

A citação precedente elucida a abordagem fenomenológica distintiva de Heidegger que enfatiza a importância da experiência direta do ser pensante na construção do exercício filosófico (Cumming, 1991; Pöggeler, 2001). Nessa perspectiva, ele convoca os seus leitores a reconhecer a presença de um entendimento sutil do ser que permeia a cotidianidade, isto é,

uma abertura ontológica que se desdobra em um horizonte indeterminado no qual os entes e o ser-no-mundo se encontram despossuídos de um eixo gravitacional: “O sentido do ser que *Sein und Zeit* busca e ao qual, em certa medida, alcança, deve entender-se sobretudo como uma direção na qual o ser-aí e o ente se encontram encaminhados” (Vattimo, 1989, p. 51). Mais ainda, Heidegger desafia os seus contemporâneos a compreender mais profundamente as implicações da questão-diretriz na busca pelo sentido da existência humana. O pensador confronta a concepção de ser que considera este último como sendo determinável em termos precisos, ao sugerir que a sua compreensão ultrapassa as capacidades conceituais e linguísticas do ser humano (Deely, 1971; Kiesel, 1993). No entanto, ao mesmo tempo, ele reconhece a presença de um entendimento prévio do ser que norteia toda a procura dos filósofos pelo seu significado. Dessa maneira, a interpretação heideggeriana acena para a complexidade da investigação filosófica acerca do ser em todos os tempos.

Martin Heidegger ressalta a indispensabilidade do desenvolvimento do conceito de ser como um fio-condutor necessário à compreensão da própria condição humana (De Waelhens, 1954; Duits, 2005). Ele observa que apenas através de um restabelecimento da questão-diretriz e dos modos de explícito entendimento associados a ela torna-se possível discernir com transparência os diferentes tipos de impedimento que obstruem o caminho em direção do sentido-do-ser: “A aceitação cega e acrítica do significado do ser transmitido pela tradição é a principal responsável pelo esquecimento sistemático no qual caiu essa questão fundamental para o pensamento” (Escudero, 2010, p. 24). Com efeito, a interpretação heideggeriana enfatiza a necessidade de uma base sólida para entender as mais diversas relações do ser humano com o mundo e os demais entes que estão circunscritos no horizonte fenomenológico da existência (Cumming, 1991; Aubenque, 2012). Na medida em que se pode tentar transparecer a pergunta pelo ser dentro de termos conceituais, mesmo de modo parcial, aberto e inacabado, os pensadores contemporâneos podem construir uma estrutura que lhes permita compreender as problemáticas inerentes à discussão e crítica da própria metafísica:

A interpretação do mediano entendimento-do-ser só obtém o seu necessário fio-condutor uma vez que se tenha desenvolvido o conceito do ser. À luz do conceito e dos modos de explícito entendimento que lhe são próprios é que se poderá estabelecer o que significa um entendimento-do-ser obscurecido ou ainda não elucidado e quais as espécies possíveis e necessárias de obscurecimento ou de empecilho para uma explícita clarificação do sentido-do-ser (Heidegger, 2014, p. 43).

Heidegger ressalta que o desenvolvimento da questão-diretriz possibilita identificar e compreender os obstáculos emergentes no processo de elucidar o sentido-do-ser. Ao estabelecer uma estrutura conceitual transparente torna-se possível reconhecer quando o entendimento-do-ser está ensombrecido ou ainda não elucidado (Gelven, 1970; Escudero, 2010). Constatada a ausência de lucidez no trato da problemática central da metafísica, então pode-se trabalhar para superar os obstáculos conceituais na busca por uma autêntica compreensão da condição humana: “A resposta à questão-do-ser somente poderá ser buscada a partir da análise do ente ao qual, por sua própria essência, compete a compreensão do ser. Esse ente entre todos privilegiado é o homem, "pastor do ser", "clareira" onde o ser se manifesta” (Von Zuben, 2011, p. 88). A analítica heideggeriana destaca a necessidade do pensamento conceitual na formação da tradição, além de apresentar o papel central do desenvolvimento da pergunta pelo ser na interpretação da experiência de estar no mundo (Stein, 2000; King; Llewelyn, 2001). A reflexão realizada por Martin Heidegger enfatiza a imprescindibilidade de um enfoque cuidadoso e consistente para entender o ser humano na totalidade ontológica, ao mesmo tempo que serve de lembrete aos pensadores contemporâneos no que concerne à atualidade da reflexão sobre os problemas pertencentes ao conhecimento metafísico.

Martin Heidegger sublinha a complexidade da questão-do-ser ao abordar a necessidade de conquistar uma segurança prévia em relação às formas corretas de acessar os entes presentes na cotidianidade do mundo (Vattimo, 1989; Nellickappilly, 2015). Questionar o sentido-do-ser torna-se por excelência o pensamento mais originário que até hoje se tem notícia na história da filosofia: “O ser-do-ente é, portanto, o perguntado. Se o ser é o ser-do-ente, é ao próprio ente que a questão se dirige, é o ente que é o interrogado. O ente é inquirido a fim de fornecer o sentido do seu ser que, visado propriamente, é o questionado” (Franck, 1986, p. 18). Heidegger salienta que a noção de ente abrange uma multiplicidade de significados, sentidos que englobam tudo aquilo sobre o que se fala e vê, bem como o comportamento do ser humano em relação a sua própria existência e essência (Kiesel, 1993; Kaelin, 1998). Nessa perspectiva, o ser encontra-se intrinsecamente relacionado tanto ao sentido atribuído por aquele quanto ao modo existencial daquele que faz a pergunta. Em outras palavras, do ângulo de visão heideggeriano, a amplitude da busca pelo entendimento-do-ser transcende as categorias tradicionais de definição e delimitação:

A questão-do-ser, no relativo ao perguntável, exige uma conquista e a prévia segurança do correto modo-de-acesso ao ente. Mas damos o nome de “ente” a uma

multiplicidade deles e em diversos sentidos. Ente é tudo aquilo de que discorreremos, que visamos, em relação a que nos comportamos desta ou daquela maneira; ente é também o que somos e como somos nós mesmos. Ser reside no ser-que e no ser-assim, na realidade, na subsistência, no consistente, na validade, no *Dasein*, no “dá-se” (Heidegger, 2014, p. 45).

Heidegger acentua que o ser não pode ser reduzido a uma única essência ou conceito fixo, mas está presente em todas as dimensões da realidade. Ao reconhecer a diversidade de significados atribuídos ao ente, o pensador abre o horizonte da metafísica contemporânea a uma reflexão mais abrangente sobre a natureza do ser e a respeito dos seus modos de relação com as coisas que estão dadas na abertura do mundo (Gelven, 1970; Pöggeler, 2001). Desde o ponto de vista heideggeriano: “A questão perpassa o ente, ela vai no fundo do ente, ela se ocupa da natureza de seu fundamento: o ente está sustentado sobre um arqui-fundamento, um não-fundamento ou um pseudo-fundamento? Enfim, a questão é a mais originária” (Sommer, 2007, p. 34). Heidegger ressalta a relevância de pensar o ser humano como ponto de partida fundamental para a investigação ontológica. Ele argumenta que a condição de possibilidade para se chegar ao genuíno entendimento-do-ser consiste na compreensão da existência humana em sua totalidade (Deely, 1971; Duits, 2005). Ao confrontar as concepções ossificadas que acompanham a tradição do pensamento metafísico, a reflexão heideggeriana provoca os pensadores contemporâneos a compreender a multidirecionalidade de significados que podem ser atribuídos à questão-diretriz e as suas variadas manifestações dentro do campo fenomenológico que compreende a experiência de existir.

Martin Heidegger assinala a indispensabilidade de uma abordagem fenomenológica e hermenêutica na busca pelo sentido-do-ser no panorama do pensamento contemporâneo (Cumming, 1991; Stein, 2000). Ele sublinha que, se a questão-diretriz deve ser feita com plena transparência para si mesma, então torna-se essencial entender os modos pelos quais o ser humano direciona a sua atenção ao ser: “Este remontar-se hermenêutico *in infinitum* é o sentido do ser que buscava *Sein und Zeit*; porém este sentido de ser é cabalmente algo diverso da noção de ser que a metafísica nos tem transmitido” (Vattimo, 1989, p. 59). Além disso, Heidegger enfatiza a necessidade de apreender o significado conceitual da pergunta pelo ser, bem como acentua a importância de escolher o ente adequado para exemplificar não apenas a problemática, mas também uma forma válida de acesso à verdade que o assunto central da metafísica acarreta para a tradição (Deely, 1971; Marx, 1971). Os comportamentos constitutivos do perguntar são descritos pelo pensador como modos-de-ser de determinados

entes, ou seja, maneiras segundo as quais os perguntantes autenticamente se relacionam com o ser:

Se a pergunta pelo ser deve ser expressamente feita e executada na plena transparência para si mesma, então, segundo as elucidações dadas até agora, sua elaboração exige a explicação dos modos de dirigir o olhar ao ser, de entender e apreender conceitualmente seu sentido, a preparação da possibilidade da escolha correta do ente exemplar e a elaboração do genuíno modo-de-acesso a esse ente. Olhar para, entender e conceituar, escolher, aceder a são comportamentos constitutivos do perguntar e assim são eles mesmos *modi-de-ser* de um determinado ente, *do* ente que nós, os perguntantes, somos cada vez nós mesmos (Heidegger, 2014, p. 45-47).

A citação de Heidegger sublinha a importância da autorreflexão e do conhecimento de si na busca pelo sentido-do-ser, uma procura fundamental no paradigma das ideias filosóficas contemporâneas (Gelven, 1970; Kaelin, 1998). O recorte rememora que a pergunta pelo ser não é apenas uma investigação intelectual abstrata, mas também uma jornada de descoberta individual e autoconsciência ontológica: “isto é fatal para a nossa vida, porque não somos o que somos sem o ser. Esquecendo o ser estamos nos esquecendo” (Castro, 2010, p. 221). Ao compreender os modos pelos quais o ser humano se relaciona com a questão-diretriz, torna-se possível estabelecer uma maior proximidade com a própria condição da humanidade. Tal aproximação repercute em uma compreensão muito mais significativa da existência ela mesma e da cotidianidade que circunscreve a figura humana (Leão, 1991; Escudero, 2010). A partir dessa perspectiva, Heidegger evidencia o valor intrínseco da experiência fenomenológica no processo de questionar o ser e reforça o entendimento conforme o qual a interrogação central da metafísica não pode ser constituída de uma forma superficial ou desarticulada, mas sim de uma maneira abrangente que considere os diferentes modos-de-ser originariamente próprios dos indivíduos envolvidos na investigação filosófica.

Martin Heidegger ressalta a importância da questão-do-ser não apenas para as epistemologias que investigam entes particulares, mas também para as ontologias, que são fundamentais na construção dos conhecimentos ônticos. Ele argumenta que, embora as ciências ônticas operem dentro de um prévio entendimento-do-ser, estas dependem implicitamente da reflexão ontológica, que busca compreender o ser em sua totalidade (Kiesel, 1993; Duits, 2005). Por mais crítico da metafísica que venha a ser, Heidegger, “prepara o horizonte para uma nova ontologia ou teoria do ser. Esta, no entanto, deveria evitar a hegemonia do presente do tempo, para não cair na entificação do ser como acontecera com as ontologias da metafísica” (Stein, 2000, p. 146). Heidegger sustenta que toda ontologia, independentemente do quão bem elaborado seja o seu sistema de categorias, permanece

incompleta se não elucidar de uma forma satisfatória o sentido-do-ser (Gelven, 1970; Pöggeler, 2001). Entrementes, se a referida elucidação não constituir o objetivo central das investigações ontológicas, a incompletude conceitual vai prosseguir no acompanhamento da metafísica:

Por isso, a questão-do-ser tem por meta não só uma condição *a priori* da possibilidade não só das ciências que pesquisam o ente como tal ou tal e nisso já se movem cada vez em um entendimento-do-ser, mas também a condição de possibilidade das ontologias, as quais elas mesmas precedem as ciências ônticas e as fundamentam. *Toda ontologia, por rico e firmemente articulado que seja o sistema de categorias à sua disposição, no fundo permanece cega e se desvia de sua intenção mais-própria, se antes não elucidou suficientemente o sentido de ser e não concebeu essa elucidação como sua tarefa-fundamental* (Heidegger, 2014, p. 57).

A visão de Heidegger acena para a urgência de uma abordagem filosófica que não apenas descreva entidades particulares, mas que também investigue o ser em si mesmo, quer dizer, na vigência da sua própria totalidade (Kaelin, 1998; Stein, 2000). Ele ressalta nos seus argumentos que uma ontologia verdadeiramente completa e significativa, direcionada à realidade do seu propósito primordial, deve ir além da mera descrição das coisas e buscar uma compreensão mais consistente do autêntico sentido-do-ser: “A metafísica interpreta mal a natureza dos entes ao compreendê-los como coisas, como o que simplesmente está lá, como o presente na mão. Heidegger sublinha a necessidade de superar essa atitude” (Nellickappilly, 2015, p. 3). Somente ao fazer isso, as ontologias podem cumprir a função de fundamentar as ciências ônticas e possibilitar um entendimento mais coerente a respeito do mundo. Por essa razão, Heidegger considera a filosofia como uma disciplina fundamental para oferecer o arcabouço conceitual e ontológico necessário a um escrutínio mais rigoroso dos entes nas suas diferentes manifestações fenomenológicas (Marx, 1971; King; Llewelyn, 2001). Na medida em que reconhece a centralidade e amplitude da questão-do-ser na tradição da metafísica, prioridade essencial para elucidar qualquer investigação conceitual ou científica séria, Heidegger propicia uma crítica pertinente à relação do ser humano com a fundamentação da realidade no horizonte do pensamento contemporâneo.

Conclusão: a centralidade do Dasein na fundamentação da ontologia

Na medida em que avança a reflexão sobre a retomada da questão-do-ser à luz das ideias de Martin Heidegger, torna-se evidente a sua interpretação inovadora da tradição: uma abordagem radicalmente antagônica das perspectivas insuficientes que abre espaço para uma

profunda reavaliação do espaço ontológico no qual a existência humana está circunscrita (Cumming, 1991; Aubenque, 2012). A posição contemporânea em face da pergunta-diretriz de toda a metafísica, sob a influência do ideário heideggeriano, resgata junto consigo a imprescindibilidade de pensar o *Dasein* como ponto de partida para qualquer investigação filosófica que se possa chamar de autêntica. Nesse contexto, o ser humano emerge como elemento quintessencial da reflexão ontológica que vigora na contemporaneidade.

Martin Heidegger destaca a relação intrínseca entre o *Dasein* e a questão-do-ser ao considerar o primeiro enquanto ente primordial a ser questionado, mas também como aquele que já se comporta ontologicamente em relação àquilo que está sendo perguntado, ou seja, uma parte integrante e indispensável do processo de questionamento ontológico (Vattimo, 1989; Stein, 2000). Dito de outro modo: “Ao pôr a questão-do-ser, o *Dasein* volta atrás sobre o esquecimento das origens, experimenta o seu poder-ser mais próprio, destrói os sedimentos que contêm e retêm o poder dos começos” (Franck, 1986, p. 29). Nesse sentido, a problemática central da metafísica não vem a ser simplesmente uma investigação externa ao *Dasein*, mas sim a radicalidade de uma tendência-de-ser que pertence essencialmente a este último, ou seja, uma radicalização do entendimento-do-ser nos domínios que antecedem a ontologia, nas esferas imanentes da experiência humana:

Se a interpretação do sentido de ser é tarefa a ser executada, o *Dasein* não é somente o ente a ser perguntado em primeiro lugar, é além disso o ente que já se comporta cada vez em seu ser *relativamente* àquilo de que se pergunta, o perguntado, nessa pergunta. Mas, nesse caso, a questão-do-ser nada mais é do que a radicalização de uma tendência-de-ser que em essência pertence ao *Dasein* ele mesmo, isto é, a radicalização do pré-ontológico entendimento-do-ser (Heidegger, 2014, p. 67).

A passagem superposta ressalta a natureza íntima da relação entre o *Dasein* e a questão-diretriz, além de sugerir que a compreensão do ser encontra-se intrinsecamente ligada à existência humana, como se esta última viesse a abrir um caminho para dar acesso ao entendimento do tema central da ontologia (King; Llewelyn, 2001; Sommer, 2007). Heidegger assegura que a busca pelo sentido-do-ser não se limita a uma atividade intelectual de ordem mediana, tendo em vista que abrange as expressões fundamentais da condição do ser humano: “Essa nova via de acesso deverá, pois, possibilitar esclarecer não apenas o sentido do ser dos entes, mas também e necessariamente o sentido do ser em geral” (Von Zuben, 2011, p. 88). Nessa perspectiva, o *Dasein* não pode ser compreendido como objeto passivo na investigação ontológica, mas sim enquanto agente ativo que participa diretamente do processo de questionamento e interpretação do ser. Na medida em que reconhece o *Dasein*

como indispensável à colocação da pergunta pelo ser, Heidegger acena para a inseparabilidade entre o indivíduo e o fio-condutor do pensamento metafísico (Pöggeler, 2001; Escudero, 2010). Expresso em termos gerais, a abordagem heideggeriana assinala a importância de uma analítica existencial da problemática do ser na metafísica contemporânea, o que dispõe o próprio *Dasein* como elemento determinante na procura pelo significado ulterior da realidade.

Ao reconhecer a indispensabilidade do *Dasein* na busca pelo sentido-do-ser no mundo contemporâneo, Heidegger ladrilha a estrada em direção não somente de uma ruptura com as categorias precedentes de compreensão da ontologia, mas também abre os caminhos de uma reflexão mais abrangente sobre a condição humana e sua relação de inseparabilidade para com a pergunta-diretriz do pensar (Marx, 1971; King; Llewelyn, 2001). À luz das elucubrações apresentadas neste artigo torna-se possível reconhecer, em toda a história do pensamento ocidental, o elemento humano como fundamento ontológico da busca pelo significado intrínseco do ser, ou seja, o princípio fenomenológico-existencial do qual dimanam todos os enunciados referentes ao assunto crucial da metafísica (Vattimo, 1989; Duits, 2005). Em última instância, uma vez que foram analisadas e descritas as ideias heideggerianas para fins de evidenciar a sua atualidade no debate filosófico, bem como foram desconstruídos os dogmas metafísicos da indefinibilidade, universalidade e autodeterminação do ser, na perspectiva de resgatar do esquecimento a relevância das investigações ontológicas, acredita-se que este trabalho possa ter cumprido o propósito inicial de proporcionar uma maior compreensão sobre um dos tópicos mais expressivos da tradição, isto é, o desvelamento da verdade-do-ser no horizonte da filosofia contemporânea.

Referências

AUBENQUE, Pierre. *Desconstruir a metafísica?* Trad. Aldo Vanucci. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

COURTINE, Jean-François. (Ed.). *L'Introduction a la métaphysique de Heidegger*. Paris: Librairie Philosophique, 2007.

CUMMING, Robert Denoon. *Phenomenology and deconstruction: the Dream is Over*. Chicago: University of Chicago Presse, 1991.

O SENTIDO DO SER NA CONTEMPORANEIDADE: AS RELAÇÕES ONTOLÓGICAS ENTRE O DASEIN E A
QUESTÃO-DIRETRIZ NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

JAN CLEFFERSON COSTA DE FREITAS

DE CASTRO, Manuel Antônio. Fundar e Fundamentar. In: SANTORO, Fernando. Et al. *O pensamento no Brasil I*: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2010.

DEELY, John. *The Tradition via Heidegger: an Essay on the Meaning of Being in the Philosophy of Martin Heidegger*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1971.

DE WAELHENS, Alphonse. *La philosophie de Martin Heidegger*. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1954.

DUIITS, Christian. *Raising the Question of Being: a Unification and Critique of the Philosophy of Martin Heidegger*. London: University of London Press, 2005.

ESCUADERO, Jesus. *Heidegger y la genealogia de la pregunta por el ser: una articulación temática de su obra temprana*. Barcelona: Herder, 2010.

FRANCK, Didier. *Heidegger e o problema do espaço*. Trad. João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

GELVEN, Michael. *A commentary on Heidegger's Being and Time*. New York: Harper Press, 1970.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Col. Multilíngues de Filosofia. São Paulo: UNICAMP, 2014.

KAELIN, Eugene Francis. *Heidegger's Being and Time: a Reading for Readers*. Tallahassee: University Press of Florida, 1998.

KIESEL, Theodore Joseph. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Berkeley: California University Press, 1993.

KING, Magda; LLEWELYN, John. *A guide to Heidegger's Being and Time*. Albany: State University of New York Press, 2001.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Petrópolis: Vozes, 1991.

MARX, Werner. *Heidegger and the Tradition*. Trad. Theodore Kiesel and Murray Greene. Evanston: Northwestern University Press, 1971.

NELICKAPPILLY, Serkumar. (Org.). *Aspects of Western Philosophy*. Madras: ITT, 2015.

NELICKAPPILLY, Serkumar. Martin Heidegger: the Question of Being. In: NELICKAPPILLY, Serkumar. (Org.). *Aspects of Western Philosophy*. Madras: ITT, 2015.

PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Trad. Jorge Telles de Meneses. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SANTORO, Fernando. Et al. *O pensamento no Brasil I: Emmanuel Carneiro Leão*. Rio de Janeiro: Hexis Editora, 2010.

SOMMER, Christian. L'Événement de la Question: Pratique et Réthorique du Questionnement chez Heidegger. In: COURTINE, Jean-François (Ed.). *L'Introduction a la métaphysique de Heidegger*. Paris: Librairie Philosophique, 2007.

STEIN, Ernildo. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Porto Alegre: EDPURCS, 2000.

VATTIMO, Gianni. *Más allá del sujeto: Nietzsche, Heidegger y la hermenéutica*. Barcelona: Paidós, 1989.

VON ZUBEN, Nilton Aquiles. "A fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger". *Revista Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 71-102. 2011.

ZIMMERMAN, Michael. *Confronto de Heidegger com a modernidade: Tecnologia, Política, Arte*. Trad. João Sousa Ramos. Lisboa: I

Data de submissão: 01/06/2024

Data de aprovação: 20/07/2024